

Fora de Controle

Preços em disparada levam o IBGE a projetar uma inflação de 12% para este mês, podendo-se prever uma alta maior ainda em dezembro e janeiro, como consequência da cascata de remarcavações nos preços por atacado, que se refletem logo adiante no custo de vida, ao nível do consumidor final.

Como pano de fundo para esse novo surto inflacionário figura, olímpicamente, o Estado, de cujas empresas partiram o atropelo e a liquidação da URP, a unidade de referência para os reajustes de salários inventada pelo Plano Bresser, ao lado de um semicongelamento primo-irmão do falecido Plano Cruzado.

Com o Estado colocando lenha na fogueira, e reajustando suas tarifas numa demonstração óbvia de que havia uma inflação reprimida, camuflada, obviamente para servir a propósitos populistas, soa no mínimo como agressão e acinte o pronunciamento do ministro da Fazenda, Bresser Pereira, propondo-se a complementar a elevação da capacidade de poupar do governo através do aumento da receita.

O ministro, que escolheu o palco leniente da Confederação Nacional da Indústria para dar seu recado, alega que a perda de capacidade de poupar do governo decorreu das transferências ao setor privado através de subsídios, juros e favores fiscais. Em algum momento deve ter faltado convicção nas propostas recentes de política econômica, pois a primeira versão do chamado Plano Bresser se propunha a manter os níveis do investimento público, aumentando o percentual dos investimentos privados sobre o Produto Interno Bruto.

Resvala assim a área econômica do governo,

uma vez mais, para um tácito reconhecimento de que tem em suas entradas um aparelho público insaciável, um apetite incontrolável que rola desde os aumentos inflacionários nas folhas de pagamento das empresas estatais até uma política monetária descalibrada, através da qual o Banco Central suga a poupança disponível com títulos livres de impostos para financiar o déficit.

Chegamos a uma situação de inexistência de política econômica. O que há é somente administração de caixa no dia-a-dia, tocada pela incerteza geral e pelo embalo inflacionário. Todos procuram se antecipar aos espasmos repetidos através de congelamentos, duros ou brandos, que têm caracterizado a estratégia do governo desde o cruzado, enquanto continua intocável a máquina estatal.

Se o ministro da Fazenda não consegue controlar despesas, se não se sente com força política para impor austeridade ao governo, nada mais lhe resta a fazer no cargo além de pegar o paletó e oferecer seus préstimos onde possa se sentir coerente.

Não pode a nação continuar dançando ao som de uma orquestra onde a principal cabeça pensante na área econômica vem a público para admitir que os empresários se sentem inseguros para investir, e, por isso, acabam destinando seus recursos ao financiamento do déficit público. Se não contasse com esse dinheiro, onde iria o governo se financiar? A questão de fundo, que é o próprio déficit, continua de pé e sem controle. Enquanto continuar, o cenário será, no mínimo, nublado. Vale acrescentar que a classe política não pode fugir ao cenário de hiperinflação, nem aos riscos crescentes do descontrole econômico para o próprio processo democrático.